

## TOMÁS DE AQUINO E O SÉCULO XIII

### [Thomas Aquinas and the thirteenth century]

Ivanaldo Oliveira Santos\*

**Resumo:** O objetivo deste estudo é relacionar Tomás de Aquino com a Idade Média e especificamente com o século XIII. Para alcançar o objetivo o estudo foi dividido em três partes, sendo elas: Idade Média, O século XIII; Tomás de Aquino e o século XIII. É apontado a existência de uma dialética entre Tomás de Aquino e a Idade Média, especialmente o século XIII. O século em que ele nasceu, viveu e produziu sua vasta obra. Ele é um produto da cultura medieval e do século XIII e, ao mesmo tempo, é o centro da efervescência cultural, intelectual e religiosa que este século experimentou.

**Palavras-chave:** Idade Média – Século XIII – Tomás de Aquino.

**Abstract:** The purpose of this study is to relate Thomas Aquinas to the Middle Ages and specifically to the thirteenth century. In order to reach such an objective, the study was divided in three parts, being: Middle Age, the thirteenth century; Thomas Aquinas and the thirteenth century. It is pointed out the existence of a dialectic between Thomas Aquinas and the Middle Ages, specifically the thirteenth century. The century in which he was born, lived and produced his vast work. It is a product of medieval culture and the thirteenth century, and at the same time it is the center of the cultural, intellectual and religious effervescence that this century has experienced.

**Keywords:** Middle Ages – Thirteenth Century – Thomas Aquinas.

### Considerações iniciais

123

Tomás de Aquino (1225-1274) foi um frade da Ordem dos Pregadores, mais conhecido como *dominicanos*, italiano, que viveu na Idade Média, no século XIII, cujas obras tiveram enorme influência na teologia e filosofia, principalmente na tradição conhecida como *escolástica*, e que, por isso, é conhecido como *Doctor Angelicus*, *Doctor Communis* e *Doctor Universalis* (cf. PIEPER, 1948).

Além destes títulos, o Papa João Paulo II concedeu o título de *Doutor Humanidade* (*Doutor Humanitatis*) a Tomás de Aquino. Em grande medida, esse título é fruto do profundo humanismo e da elevação do ser humano a condição de uma espécie digna de respeito<sup>1</sup> realizada pelo Doutor Angélico. Sobre o título de *Doutor Humanidade* concedido pela Igreja ao Aquinate, o Papa João Paulo II afirma:

[...] pode ser atribuído o título de *Doutor Humanitatis*, em estreita ligação e com uma relação essencial com as premissas fundamentais e a própria estrutura do Deus da *Science*. Na verdade, ele insere seu

---

\* Filósofo, pós-doutorado em estudos da linguagem pela USP, pós-doutorado em linguística pela PUC-SP, doutor em estudos da linguagem pela UFRN, professor do Departamento de Filosofia e do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN).

<sup>1</sup> Sobre o humanismo de Tomás de Aquino, recomenda-se consultar: Mondin (1998b) e Maritain (1993a, 1993b).

tratado *De homine* em *De Deo Criador* [...]. Enquanto o homem é a obra das mãos de Deus, carrega a imagem de Deus e tende vem naturalmente para uma semelhança mais perfeita de Deus. (PAPA JOÃO PAULO II, 1990, n. 2).

Ele publicou importantes obras do pensamento medieval e humanístico e, por conseguinte, influenciaram e continuam a influenciar a história das ideias. Entre estas obras citam-se: a *Suma teológica* (cf. AQUINO, 2001) e a *Suma contra os gentios* (cf. AQUINO, 1996).

Atualmente existe um crescente interesse em investigar, refletir, debater e dialogar com a obra de Tomás de Aquino<sup>2</sup>. A consequência de todo este interesse é que a obra do Aquinate passa a ser vista como “percussora da modernidade europeia” (AQUINO, 2008, p. 55) e, por conseguinte, como *um dos caminhos necessários para a superação e a solução dos dilemas e conflitos da modernidade* (GIRALT, 2007, p. 133-141).

Em parte, este interesse pela obra de Tomás de Aquino deve-se ao fato de tratar-se talvez do único pensador a “romper com a grande tradição filosófica do fracasso” (STRATHERN, 1999, p. 7), ou seja, a obra do Aquinate não estaria presa a uma época história, a Idade Média, e a uma estrutura argumentativa, neste caso a escolástica. Nesta perspectiva, ele teria produzido uma obra universal, que pode ser utilizada por todos os pensadores, em todas as épocas históricas, em todas as culturas e correntes de pensamento. Por isto, sua obra está aberta a dialogar com as “verdades de qualquer época” (FAITANIN, 2008a, p. 20).

Dentro do processo de atualidade perene do Aquinate é possível ver, por exemplo, um diálogo com a filosofia analítica, perfazendo um tomismo analítico<sup>3</sup>, com a filosofia da mente (cf. KENNY, 2000) e com a pós-modernidade, estabelecendo um tomismo pós-moderno<sup>4</sup>.

O problema é que com todo este interesse, em torno da obra de Tomás de Aquino, pode-se imaginar que este pensador é contemporâneo, que nasceu e viveu no século XIX ou XX. No entanto, é preciso frisar, que o Aquinate é oriundo da Idade Média, da escolástica medieval, e, além disto, “Santo Tomás ocupa indiscutivelmente

<sup>2</sup> Sobre o tema da *atualidade de Tomás de Aquino*, recomenda-se consultar: Pieper e Jakosch (2013), Fabro (1974), Mondin (1998a, 1996), Barbuy (2012), Campos (1989), Costa (2001), Faitanin e Alarcón (2008b), Alves (2015) e Santos (2016).

<sup>3</sup>Sobre o tomismo analítico, consultar: Haldane (1997), Kerr (2004), Beuchot (1992, 2010), Theron (1997) Pouivet (2003), Micheletti (2009) e Santos (2011, 2010).

<sup>4</sup> Sobre o tomismo pós-moderno, consultar: Macintyre (1993) e Beuchot (2013).

um lugar de primeira importância” (JEAUNEAU, 1965, p. 70) dentro da Idade Média. Por isto, deve haver a consciência que o “pensamento tomista está inserido na cultura medieval” (CAMPOS, 1989, p. 77).

A obra de Tomás de Aquino é simultaneamente uma sofisticada síntese da cultura ocidental e a colocação de questões e proposições (Deus, a dignidade do ser humano, o Estado, o papel da Igreja e muito mais) que irão iluminar e influenciar a renascença e a modernidade.

Apesar de tamanha importância a obra do Aquinate só pode ser totalmente compreendida e devidamente interpretada se for colocada dentro do seu respectivo contexto histórico. E este contexto é a Idade Média e o século XIII. Apenas um mergulho – sem os preconceitos contemporâneos em torno da cultura medieval – na Idade Média e no século XIII poderá guiar um estudioso do medievalismo, de alguma corrente do tomismo e da escolástica ou do pensamento contemporâneo a uma compreensão mais justa, mais específica e mais próxima das ideias desenvolvidas por Tomás de Aquino.

É por causa disto que o objetivo deste estudo é relacionar Tomás de Aquino com a Idade Média e especificamente com o século XIII. Para alcançar o objetivo o estudo foi dividido em três partes, sendo elas: Idade Média, O século XIII; Tomás de Aquino e o século XIII. Por fim, afirma-se que na sociedade contemporânea existem tentativas de construir o chamado *pensamento tomasiano*, ou seja, uma interpretação da obra do Aquinate que não leva em consideração as correntes e camadas do tomismo e a posição da Igreja. A princípio, o pensamento tomasiano procura ler e interpretar as ideias do Aquinate diretamente da fonte original, ou seja, da própria obra de Tomás de Aquino. No entanto, nenhum pensamento tomasiano ou outra forma de interpretação do Aquinate será verdadeira e frutuosa se não levar em consideração o momento histórico, o momento sociocultural em que o Aquinate estava mergulhado. E este momento é a escolástica e a cultura universitária do século XIII.

## **I. Idade Média**

A Idade Média, também conhecida como era medieval, período medieval e medievo, é um período da história que atravessa os séculos V a XV. Oficialmente inicia-se com a queda do império romano, em 476 d. C., e termina durante a transição para a época moderna. Tradicionalmente a Idade Média é apresentada como o período

intermédio da divisão clássica da história ocidental em três períodos: a antiguidade, a Idade Média e a modernidade, sendo frequentemente dividida em alta e baixa Idade Média.<sup>5</sup>

É comum, dentro dos estudos das ciências humanas, apresentar a Idade Média como um período sombrio, uma noite escura de pouca produção intelectual, pouca liberdade de criação artística e literária. No entanto, é preciso estar atento a outra faceta da cultura medieval: a capacidade humana de especulação filosófica parece ter atingido então o auge de sua clareza e agudez, criando as famosas *Sumas* de lógica, ontologia e metafísica da Idade Média. Estas obras, continuando as dos grandes pensadores gregos – principalmente Aristóteles –, até hoje são monumentos perenes, não ultrapassados, da cultura humana. (cf. BETTENCOURT, 1958, p. 16).

É necessário compreender que a Idade Média é a herdeira, dentre outros fatores, da decadência e queda do império romano. A antiga Roma criou um império que, apesar de toda violência e opressão política, trouxe ao mundo a paz militar durante trezentos anos, deu ao mundo conquistas importantes no campo das estradas, do conforto material, do direito, da infraestrutura das cidades e da vida urbana e cosmopolita. Quando o império romano do Ocidente chegou oficialmente ao fim, em 476 d. C., grande parte das conquistas materiais e culturais do império estavam arruinadas. Em grande medida, a cultura e os valores humanísticos foram mantidos pela infraestrutura da Igreja (conventos, mosteiros, catedrais, etc).

O Ocidente levará muito tempo para se recuperar dos efeitos negativos da queda do império romano (violência, analfabetismo, falta de higiene pessoal, precarização na saúde e na educação, ausência de ordem social, etc). Apenas para se ter uma breve compreensão desse grave problema, apesar do império romano ter caído no século V d. C., no século IX d. C. as condições sociais da Europa eram tão precárias como no século V. Apenas no século XIII começa-se um consistente movimento de restauração do ambiente cosmopolita e urbano, de circulação de ideias, da arte e da cultura, que havia durante o império romano. Em grande medida, o Ocidente só consegue recuperar a dinâmica econômica e cultural do antigo império romano após o século XVIII. No entanto, até os dias de hoje o mundo ainda não superou totalmente o trauma que foi a queda do império romano. Basta ver, por exemplo, que os horrores praticados durante a Segunda Guerra Mundial (1939-1945), por nazistas, fascistas e socialistas, foram

---

<sup>5</sup> Para uma visão mais específica e detalhada da Idade Média, consultar: Holmes (1988), Backman (2003), Le Goff (2007), Le Goff e Ruas (1995).

realizados numa tentativa, dentre outros fatores ideológicos, de reviver, em plena modernidade, o domínio, em escala internacional, exercido pelo antigo império romano.

Dentro deste contexto não se deve interpretar a Idade Média simplesmente como um período de estagnação cultural e ausência de infraestrutura nas cidades. É necessário romper com a divisão clássica, oriunda do iluminismo, que divide a história em antiguidade, medieval e modernidade. Quando se rompe com essa visão clássica – e muitas vezes simplista – pode-se perceber que a Idade Média, muito mais que uma noite escura, foi na verdade um período de preparação, de gestação e amadurecimento das ideias, do desenvolvimento científico, do renascimento das cidades e da cultura cosmopolita, da retomada de uma política de letramento, de higiene física, de ordem social, de predominância do direito e de controle da violência. Neste sentido, a Idade Média, muito mais que um período obscuro, foi na verdade a primavera dos tempos modernos. (cf. WOLFF, 1988).

Apenas para ser ter uma breve perspectiva de como a Idade Média representa o início, a antevisão da modernidade, foi no período medieval que se desenvolveu importantes pesquisa no campo da filosofia da linguagem (cf. BEUCHOT, 1991), da lógica (cf. DE BONI, 1995) e da ética (COSTA; DE BONI, 2004) que, por diversas razões, irão influenciar e encaminhar as ideias e as correntes do pensamento moderno.

Por isto, parece-nos impossível aceitar a dupla acusação de estagnação e esterilidade levantada contra a Idade Média latina. Por certo, a herança cultural antiga não foi totalmente conhecida nem sempre judiciosamente explorada; mas não é menos verdade que de um século para outro – mesmo de uma geração a outra dentro do mesmo grupo – há evolução e geralmente progresso. A Igreja na Idade Média salvou e estimulou muito mais do que freou ou desviou. Por isso, embora só queira apelar para a antiguidade, a renascença é realmente a filha ingrata da Idade Média. (cf. TATON, 1957, p. 581-582).

Dentro desta discussão emerge o século XIII. Um dos séculos mais importantes da Idade Média e da cristandade. O que de fato houve neste século? O que de relevante, para a humanidade, aconteceu, foi criado e estabelecido neste século? Não se trata de escrever uma história do século XIII e de apresentar, de forma pormenorizada, todos os seus grandes acontecimentos. No entanto, mesmo que de forma sintética, é necessário conhecer os desdobramentos mais significativos desde importante século para a humanidade.

## II. O século XIII

Assim como em toda a Idade Média, o século XIII também é alvo de estereótipos e visões, muitas vezes, preconcebidas e equivocadas. Trata-se de um século que, em muitos círculos dentro das ciências humanas, é visto apenas como um produto do monopólio espiritual e cultural da Igreja e, por isto, sem grandes contribuições a humanidade.

No entanto, deve-se ter em mente que a historiografia da Idade Média compreende o século XIII mediante duas visões, ao mesmo tempo, opostas e complementares: a da civilização que avança para atingir o *zênite*, ou o clímax das virtualidades criadoras da civilização medieval, e a da civilização que anuncia a exaustão de suas forças. A hipótese de que, a partir do século XIII, no transcorrer da crise intelectual da Idade Média tardia, começa a delinear-se um novo sistema simbólico que irá presidir ao ciclo da civilização do Ocidente denominado modernidade, hoje ganha cada vez mais defensores. (cf. LIMA VAZ, 1986, p. 17).

Em grande medida, o século XIII, em si mesmo é um renascimento, pois neste século existe um frutuoso renascimento dos estudos clássicos, a redescoberta de Aristóteles e o desenvolvimento de uma série de novas experiências no campo do método científico, das técnicas de ensino e educação. Além disso, o século XIII é uma preparação para o renascimento que acontecerá entre os séculos XV e XVI. Sobre esta questão, afirma-se:

*A secundariedade cultural*, no caso da Idade Média, cumpre sua função específica que é a de explicar o que é uma renascença, ou seja, o acolhimento, vindo de uma fonte exógena, de um novo fluxo de bens culturais e uma reação criadora ao impacto de novas ideias, novos métodos, novos problemas, novos ideais. Em se tratando do século XIII, é todo o volumoso caudal da filosofia e da ciência gregas que atinge o mundo latino provindo diretamente de Bizâncio, ou pela mediação das culturas islâmica e judaica. (AQUINO, 2008, p. 41).

O renascimento que ocorreu durante o século XIII abarcou várias áreas do saber, tais como: a arte, especialmente a arte sacra e sua relação com a vida espiritual (cf. DA CRUZ COELHO, 1977); a arquitetura (cf. CARREIRA, 1997); a estética e o cuidado

com o corpo (cf. MACEDO, 1998); o renascimento das cidades e da vida urbana (cf. MENJOT; BOUCHERON, 2005); o surgimento das ordens mendicantes, especialmente franciscanos e dominicanos, e sua respectiva influência na política e nos tratados de paz (cf. MIATELLO, 2010); o desenvolvimento do comércio (cf. DORÉ, 2000); a poesia e a literatura popular (cf. DE OLIVEIRA, 1994; PASTOUREAU, 1989; MELLO, 1998); a relação entre a cultura e o projeto educacional (cf. LAUAND, 1998); o aprimoramento da vida mística e espiritual, incluindo as diversas escolas de pregadores cristãos (cf. SOUZA, 2002; MATTOSO, 1987); a metafísica e as discussões em torno do tempo (cf. DE CARVALHO, 2001); renasce a preocupação com a saúde corporal e a higiene pessoal, visto que no “século XIII existe uma preocupação com a saúde e, por isso, o corpo, além de ser o lugar da materialização do pecado e da salvação, passa também a ser o espaço de atitudes de higiene e de busca pela saúde” (ROMERO, 2008, p. 3).

Dentro deste complexo processo de renascimento, que marca o século XIII, ganha destaque a retomada do direito e especialmente de interpretações do direito romano. A retomada do direito no século XIII é fundamental dentro do processo de reconstrução e reconstituição da civilização ocidental após a queda do império romano do Ocidente. Logo após a decadência de Roma, o caos, a barbárie e a violência se espalharam por grande parte do Ocidente. Coube a Igreja, de forma lenta, reorganizar a vida social, urbana e intelectual no Ocidente e, com isto, retomar um padrão de civilidade que havia sido desfrutado antes da decadência do império romano.

Todavia, o século XIII é um marco do renascimento do Ocidente após a decadência e o fim do império romano do Ocidente. É um momento frutífero da retomada das artes, do renascimento das cidades e, por conseguinte, de uma necessidade de se repensar o ordenamento jurídico da sociedade. Neste contexto, ganha destaque o direito romano. Um direito que “permanece desde a Antiguidade Tardia como símbolo de organização institucional e política e que é reaproveitado no século XIII em favor de uma luta de afirmação entre o Papado e o Sacro Império. Um direito que é fruto de uma criação intelectual e cuja interpretação dos juristas de Bolonha reforça sua original tendência centralizadora” (FERNANDES, 2004, p. 82) e que “no século XIII, utilizar-se livremente do Direito Romano na organização interna do reino. Essa utilização será bastante proveitosa, pois, [...], os monarcas têm autonomia decisória e para promover a organização dos seus reinos nesses dois campos, torna-se imprescindível o conhecimento do corpo jurídico-legislativo do Direito Romano” (FERNANDES, 2004, p. 76).

No entanto, não se pode pensar que o renascimento ocorrido durante o século XIII foi apenas das artes, da intelectualidade, do direito, da vida mística e dos nobres valores humanos. Este também será um século de lutas políticas entre o papado, representando o poder espiritual, e os reis, representando o poder secular (cf. STREFLING, 2007). Uma luta que, ao longo dos séculos, se tornará mais forte e culminará, no século XVIII, com a separação entre a Igreja e o Estado, entre a fé e a política.

O século XIII vê o surgimento das ordens religiosas mendicantes, os franciscanos e os dominicanos. Em grande parte, estas ordens surgem devido ao estado de disputas e de corrupção em que se encontrava a Igreja naquele momento histórico. Em oposição à riqueza das grandes catedrais e mosteiros e à suntuosidade dos clérigos dirigentes, elas pregavam a pobreza e a evangelização. Destaca-se o fato de Santo Tomás entrar para a Ordem dos Dominicanos à revelia de seus familiares, ressalta as razões de as ordens atraírem tantos jovens, ou seja, elas eram contestadoras sociais. Ao defenderem o ideal de pobreza, elas criticavam a riqueza da Igreja e convertiam-se em uma nova perspectiva para o cristianismo ao proporem uma retomada dos valores evangélicos. Com isso, os mendicantes atraem para as suas fileiras os jovens e os descontentes com a posição da Igreja e com o que haviam se tornado os valores cristãos. Estabelece-se uma luta entre as forças religiosas novas e vigorosas, representadas pelas ordens mendicantes, e as tradicionais forças da Igreja. Ela ganha o interior das universidades uma vez que seus principais mestres se originam dessas duas ordens. Entre estes mestres ganha destaque as figuras de Alberto Magno e de Tomás de Aquino. (cf. CHENU, 1967, p. 11).

Para o objetivo do presente estudo, ou seja, relacionar Tomás de Aquino com a Idade Média e especificamente com o século XIII, é necessário apresentar e discutir sobre dois importantes movimentos que ocorreram na Idade Média e especialmente no século XIII. Trata-se da escolástica e do desenvolvimento das universidades.

É preciso salientar que o desenvolvimento da escolástica e das universidades não são dois movimentos que caminham separados. Pelo contrário, são movimentos muito próximos, que se confundem e que, cada qual com seus métodos, trabalham juntos. São dois movimentos fundamentais para o desenvolvimento das ideias e postulados de Tomás de Aquino, das diversas correntes do tomismo e de uma longa série de acontecimentos sócio-políticos e de escolas de pensamento ao longo da história do Ocidente até chegar a sociedade contemporânea.



O primeiro dos dois movimentos a ser apresentado é a escolástica.

Por volta do século XVI o termo *escolástica* era usado de forma depreciativa, em relação ao sistema de filosofia praticado nas escolas e universidades medievais. Os escolásticos procuravam dar sustentação teórica à verdade da doutrina cristã, assim como reconciliar pontos de vista contraditórios na teologia cristã; e, para esse fim, desenvolveram um método extremamente requintado de investigação das questões filosóficas e teóricas. No século XII, os escolásticos estavam coligindo sentenças, que eram citações ou sumários de dogmas compilados da *Bíblia* e da literatura patrística; ao interpretá-los (*expositio, cadena, lectio*), eles adotaram gradualmente uma discussão sistemática de textos e problemas (*quaestio, disputatio*). Isso deu finalmente lugar a um sistema que tentou oferecer uma visão abrangente de *toda a verdade atingível (summa)*, um desenvolvimento que coincide com uma clara progressão no sentido da autonomia intelectual, com pensadores da envergadura de Alberto Magno e Tomás de Aquino. (cf. LOYN, 1997, p. 132-133).

Em linhas gerais, afirma-se que a escolástica surge no final do século XII. No entanto, o apogeu cultural da baixa Idade Média se efetiva no século XIII, período que corresponde ao enfraquecimento da nobreza feudal, ao crescimento da população, à expansão do comércio, ao desenvolvimento das cidades livres e das associações mercantis. Enquanto a Igreja Católica, através do Papa Gregório IX, criava o Tribunal da Santa Inquisição, para combater o surto das heresias, as grandes sínteses filosóficas universais começavam a ser celebradas na Universidade de Paris, destacando-se o ensino da dialética e da teologia. (cf. GILSON, 1995, p. 415-416).

Com a decadência do império romano, a Igreja continuou a ter, como essência da sua missão, a pregação evangélica e a orientação espiritual, entretanto surgem novas obrigações. Entre essas novas obrigações encontra-se a educação dos indivíduos. Por este motivo, os conventos, os mosteiros, as catedrais e as demais casas de vida espiritual se transformaram em centros de estudo, de arte e cultura. (cf. MARTIN, 1954, p. 15).

Dentro deste contexto, a escolástica surge por uma necessidade histórica da Igreja. Com a decadência do império romano e, por conseguinte, o fim das perseguições aos cristãos, passou-se a se exigir um padre mais bem formado do ponto de vista intelectual. Homens sábios, como Santo Agostinho e Tertuliano, a Igreja sempre teve, porém, a realidade pós-decadência do império obrigava a Igreja a dar uma melhor orientação a seus fiéis. Para isto ocorrer era preciso uma formação mais aperfeiçoada para os clérigos. Devido a isso, lentamente foi se constituindo os seminários para

preparação do clero, com professores e alunos fixos e cursos regulares. Apesar da importância do *trivium*, este, por si só, não poderia mais satisfazer a sede de conhecimento que emergia no final do século XII. Por isto, era necessária uma relação dialética mais profunda entre a filosofia e a teologia. E esta dialética será construída pela escolástica. (cf. ZILLES, 1996, p. 68).

Em grande medida, a escolástica é um fruto das mudanças e das necessidades sócio-históricas vividas nos séculos XII e XIII. Necessidades relacionadas ao ensino, a um ambiente educacional e intelectual que complementassem o *trivium* e o *quadrivium*, que estivessem ligados ao comércio, a arte, a diplomacia e as relações sociais no cotidiano. Um ambiente comprometido com o “caráter social do ensino, o de sugerir respostas, suscitar questionamentos, promover debates que contribuam para o bem viver em sociedade” (GUIMARÃES, 2009, p. 7). Sobre estas questões afirma-se:

[...] o ensino não pode mais ser somente o do *trivium* e do *quadrivium*. Em primeiro lugar, a escrita precisa dar conta dos contratos comerciais que são redigidos. Não pode ter mais, pois, a forma dos escritos solenes. [...]. Ao contrário, precisa ser clara, rápida e exprimir energia, equilíbrio e gosto. [...]. A língua não pode ser mais o latim, mas a língua vulgar. Os comerciantes, por exemplo, passam a utilizar as línguas das regiões onde o comércio está mais florescente. [...]. Ao lado das mudanças na língua e na escrita, esta sociedade precisa aprender o cálculo. Seu ensino passa a ser feito de forma simples, com o uso de objetos práticos. Utiliza-se, por exemplo, o ábaco e o tabuleiro de xadrez. [...]. Não menos importante passa a ser a aprendizagem de uma geografia prática. É preciso saber onde se localizam determinadas regiões, determinados portos, mapas que facilitem a localização de rotas marítimas. (OLIVEIRA, 2005, p. 367).

Sobre as relações entre o *trivium* e o *quadrivium* e a escolástica, no século XIII, afirma-se:

As sete artes liberais formavam a base da educação na Idade Média e estavam divididas, desde o período carolíngio, aproximadamente, em *Trivium* e *Quadrivium*. As três do *Trivium* – gramática latina, retórica e dialética. [...]. No século XIII, uma ênfase maior foi atribuída à dialética (lógica), e houve considerável controvérsia entre os defensores da antiga lógica e os proponentes da nova lógica, criada pela redescoberta de Aristóteles. A dialética, com sua ênfase racional e especulativa, foi considerada inicialmente perigosa quando aplicada à teologia; mas cresceu em importância quando o *Trivium* começou a perder algum terreno, embora a gramática continuasse sendo uma base necessária da educação medieval e a retórica conservasse um lugar importante nas universidades. (LOYN, 1997, p. 347-348).

Na escolástica “tornava-se premente que o intelectual tivesse, além do espírito cristão, o conhecimento contido nos livros. Era preciso travar o diálogo entre o conhecimento divino e a razão humana. É nesse contexto que vemos aflorar, no Ocidente medieval, grandes debates acerca da natureza humana, do conhecimento, da capacidade humana de ensinar e de aprender” (OLIVEIRA, 2005, p. 370).

Sobre o tema da razão – um tema que será tratado de forma exaustiva e até mesmo de forma equivocada na modernidade –, é preciso compreender que a escolástica nunca negou o uso da razão em detrimento de um uso exclusivo da fé. Pelo contrário, em toda a escolástica existe um diálogo profundo entre fé e razão e, por sua vez, é incentivado o uso e a autonomia da razão. Em grande medida, a escolástica afirma não haver uma razão cristã – até porque a razão é universal e não está sujeita a uma religião –, mas “pode haver um exercício cristão da razão. Com isso, com o auxílio da fé, o cristianismo pode alterar o curso da história da filosofia, abrindo a razão humana a perspectivas que ela ainda não havia descoberto” (GILSON, 2006, p. 17).

A partir do trabalho conjunto e a dialética entre a fé e a razão – trabalho realizado principalmente dentro das universidades medievais – a escolástica contribuiu, no século XIII, para o desenvolvimento de uma filosofia cristã – *Philosophia Christiana* (cf. SALES, 2008)<sup>6</sup>.

A título de esclarecimento, afirma-se que não existe um conceito fechado de *filosofia cristã* e até mesmo a existência de uma filosofia produzida unicamente pelos cristãos é questionada. Esse questionamento se dá pelo fato de que, desde os primeiros momentos da cristandade até a sociedade contemporânea, houve um frutífero debate entre o ideal cristão e o pensamento filosófico, entre a fé e a razão. No entanto, com o intuito de ajudar o debate, afirma-se que é “cristã toda filosofia que, criada por cristãos convictos, distingue entre os domínios da ciência e da fé, demonstra suas proposições com razões naturais, e não obstante vê na revelação cristã um auxílio valioso, e até certo ponto mesmo moralmente necessário para a razão” (BOEHNER; GILSON, 2004, p. 9).

Uma questão polêmica no século XIII, mas decisiva para o desenvolvimento da escolástica, do restante do pensamento desenvolvido na Idade Média e das querelas intelectuais desenvolvidas na modernidade é a redescoberta da obra de Aristóteles. Essa redescoberta, ou seja, a introdução de Aristóteles no mundo e nos debates medievais, é um dos pontos centrais para o século XIII ser considerado um século de renascimento e

---

<sup>6</sup> Para o debate sobre a existência de uma filosofia cristã, recomenda-se consultar: Nédoncelle (1958).

uma ponte segura entre o mundo antigo, a Idade Média, a cristandade e a modernidade. Sobre esta questão, afirma-se:

A terceira manifestação intelectual da renascença do século XII, que se prolongará ao longo do século XIII e foi causa próxima do declínio do platonismo, é o enorme esforço de tradução que, de meados do século XII a meados do século XIII, disponibilizará aos leitores latinos não só o *corpus aristotelicum* então conhecido, mas também todo o acervo da ciência grecoislâmica. Uma cadeia de tradutores, de Toledo, na Espanha, passando por Oxford, com Robert Grosseteste, até Nápoles, na corte de Frederico II, transpõe para o latim a enciclopédia do saber antigo, conservada e comentada pelos sábios islâmicos. O *corpus* aristotélico que estará praticamente todo traduzido na segunda metade do século XIII, avulta dominador neste amplo conjunto textual e doutrinal. [...]. A entrada de Aristóteles em meados do século XII abre o mundo da cultura latina para nova visão do mundo, abrangente e grandiosa, compreendendo uma lógica, uma epistemologia, uma cosmologia, uma antropologia, uma ética, uma metafísica e uma teologia natural. Diante do ensinamento de Aristóteles e de suas versões árabes, o paradigma da secundariedade cultural age plenamente, pois esse grande caudal vindo de fontes exógenas é acolhido através de um processo de assimilação, de decantação, de recriação, que acaba por definir um complexo de práticas intelectuais, de ideias diretrizes, de novos problemas e de diferentes tendências do pensamento, profundamente original, que ficou conhecido como a escolástica do século XIII. (AQUINO, 2008, p. 44).

A entrada do pensamento de Aristóteles, na Idade Média, foi decisiva para o desenvolvimento da escolástica, de novas ideias e métodos de pensar e de ensinar. Esta entrada possibilitou que importantes pensadores medievais – como, por exemplo, Alberto Magno e Tomás de Aquino – estabelecessem suas respectivas ideias.

No entanto, não se deve cair na crítica ingênua que vê a Idade Média e a escolástica como submissas a uma possível tirania de Aristóteles, como se o Estagirita fosse o único pensador a ser lido e autorizado pela hierarquia da Igreja a ser investigado. É preciso ter consciência que “Aristóteles teve tanta dificuldade para conquistar seu direito à cidadania da filosofia medieval quanto os religiosos tiveram para ensiná-lo” (JEAUNEAU, 1965, p. 58). Sobre este problema, ressalta-se:

[...] cabe denunciar o ainda corrente erro historiográfico que vê a escolástica do século XIII como submissa passivamente à tirania de Aristóteles. Ao invés, o antiaristotelismo fortaleceu-se à medida em que avançava o aristotelismo. Em outras palavras, o pensamento escolástico pode ser qualificado tanto como aristotélico quanto como antiaristotélico. A presença de Aristóteles faz-se mediante a leitura

comentada de seus textos. Essa obedece a parâmetros distintos: (1) seja à luz dos postulados da teologia tradicional, como no ne-agostinismo de Boaventura; (2) seja na obediência aos comentários de Averróis, como no aristotelismo de Siger de Brabant; (3) seja no esforço de reconstituição do sentido original dos textos de Aristóteles, como em Alberto Magno ou Tomás de Aquino. (AQUINO, 2008, p. 44).

Apesar das dificuldades e das polêmicas, lentamente a obra de Aristóteles consegue um espaço para ser investigada e ensinada nas escolas e universidades medievais. Justamente com a escolástica, a obra de Aristóteles será decisiva para, no ambiente cultural do século XIII, Tomás de Aquino desenvolver seu magistral pensamento.

O segundo dos dois movimentos a ser apresentado é a universidade.

A universidade surge no final do século XII. Em grande medida é um produto do desenvolvimento da escolástica, dos esforços da Igreja e dos reis para promoverem o aperfeiçoamento no processo educativo. A primeira universidade surgiu em Bolonha, na Itália, e foi criada em 1150. Ela surge como uma associação de alunos com a finalidade de contratar algum renomado intelectual para ministrar aulas. No início esse pequeno conjunto formado de alunos e professores debatiam as chamadas *essências universais* (essências universais, temas universais ou problemas universais), daí vem o nome *universidade*. No fim do século XII a universidade de Bolonha incorporou o primeiro curso de direito com as disciplinas de retórica, gramática e lógica. A segunda universidade mais antiga é a Universidade de Paris, na época chamava-se de Universidade da Sorbonne, fundada em 1214.

O ensino superior na Idade Média se ministrava por iniciativa, ou ao menos sob a tutela, de bispos e príncipes cristãos. As primeiras universidades foram fundadas por volta de 1100. Constituem uma das criações mais originais e valiosas da Idade Média. No período greco-romano cada filósofo e cada mestre de ciência tinham sua escola — o que implicava justamente no contrário de uma universidade. Esta, na Idade Média, reunia mestres e discípulos de várias nações, os quais constituíam poderosos focos de erudição. Até 1440, foram erigidas na Europa 55 universidades e 12 institutos de ensino superior, onde se ministravam cursos de direito, medicina, línguas, artes, ciências, filosofia e teologia. Em 1200, Bolonha contava dez mil estudantes (italianos, lombardos, francos, normandos, provençais, espanhóis, catalães, ingleses, germanos, etc.). O Papa Clemente V, no Concílio de Viena, em 1311, mandou que se instaurassem

nas escolas superiores cursos de línguas orientais (hebreu, caldeu, árabe, armênio, etc.), o que em breve foi executado em Paris, Bolonha, Oxford, Salamanca e Roma. (cf. BETTENCOURT, 1958, p. 14).

O afluxo da ciência greco-árabe e a criação da universidade são dois eventos maiores na história da vida intelectual do século XIII. A universidade que, se desenvolve no século XIII, é um espaço privilegiado de debate e de produção de ideias. Um espaço aonde os saberes, que muitas vezes estavam dispersos, e vinham de regiões diferentes do mundo, poderiam ser reunidos, catalogados, debatidos e ensinados. (cf. ULLMANN, 2000).

O surgimento da universidade, no início do século XIII, na França e em diversos outros pontos da Europa, “representa uma grande *mudança* no sistema de ensino medieval. Pela primeira vez, funda-se e organiza-se uma instituição cuja identidade primeira é a dedicação ao estudo. Enfim, assiste-se, no interior das relações medievais, a criação de um espaço social destinado somente ao saber” (OLIVEIRA, 2007a, p. 123). Com isso, as “universidades passaram a desempenhar um papel crucial na vida intelectual, política e social da Europa. Sua influência política é evidente no modo como o crescimento da Universidade de Paris e o da cidade como capital, no século XIII” (LOYN, 1997, p. 351).

As primeiras universidades provocaram uma experiência que, até aquele momento histórico, não tinha acontecido, mas que trouxe uma série de problemas, dificuldades e polêmicas que, para época, eram inéditas e de difícil compreensão. No entanto, não se deve ver este momento apenas como negatividade. Na prática, tratou de um momento único na história da humanidade. Um momento marcado pela experiência interdisciplinar de jovens alunos e de seus respectivos mestres em debates em torno de temas fundamentais para o ser humano. Debates que, em grande medida, foram propiciados pelo “ambiente citadino e cosmopolita do século XVIII” (OLIVEIRA, 2008, p. 229). Sobre esta questão, afirma-se:

O surgimento das primeiras universidades, na virada dos séculos XII e XIII, é um momento capital da história cultural do Ocidente medieval. [...]. Pode-se compreender que ela comportou, em relação à época precedente, elementos de continuidade e elementos de ruptura. Os primeiros devem ser buscados na localização urbana, no conteúdo dos ensinamentos, no papel social atribuído aos homens de saber. Os elementos de ruptura foram inicialmente de ordem institucional. Mesmo que se imponham aproximações entre o sistema universitário e outras formas contemporâneas de vida associativa e comunitária

(confrarias, profissões, comunas), este sistema era, no entanto, no domínio das instituições educativas, totalmente novo e original, [...] o agrupamento dos mestres e/ou dos estudantes em comunidades autônomas reconhecidas e protegidas pelas mais altas autoridades leigas e religiosas daquele tempo, permitiu tanto progressos consideráveis no domínio dos métodos de trabalho intelectual e da difusão dos conhecimentos quanto uma inserção muito mais eficiente das pessoas de saber na sociedade da época. (VERGER, 2001, p. 189-190).

Junto com a escolástica, o surgimento da universidade inaugura uma nova forma de produção do conhecimento. De um lado, a universidade é o projeto mais ambicioso, depois das catedrais e dos mosteiros, de preservar o conhecimento humano, principalmente o conhecimento oriundo das diversas fontes do mundo antigo (grego, romano, judeu, árabe, caldeu, armênio, etc). Do outro lado, a universidade é um espaço para repensar, refletir e reelaborar este conhecimento e, com isso, abrir portas para novas aventuras do saber. De certa forma, a universidade é um espaço onde o que é mais humano, onde a característica marcante da espécie humana está viva, latente e vibrante. E todo este complexo universo irá se desenvolver no século XIII. Sobre a singular importância do surgimento das universidades, afirma-se:

137

[...] principiamos pela análise das formulações historiográficas que mostram a importância das universidades medievais como instituição que construiu e preservou o patrimônio histórico do Ocidente, inaugurando uma nova forma do conhecimento. Assim, ao tratarmos da universidade como patrimônio histórico, estamos retomando elementos que foram decisivos para a construção de nossas identidades sociais. Queiramos ou não, as universidades e outras instituições medievais foram essenciais na construção das nações modernas, pois estas nasceram no interior das grandes transformações do medievo. Sob este aspecto, consideramos que essas mudanças, especialmente as ocorridas no âmbito do conhecimento, não devem ser analisadas e consideradas apenas em função do renascimento e humanismo dos séculos XV e XVI. Trata-se de um processo mais longo, até porque as mudanças sociais, culturais, políticas, educacionais do século XIII proporcionaram esses dois grandes acontecimentos históricos, assim como nossas origens e tradições. (OLIVEIRA, 2007a, p. 115).

Dentro do contexto universitário do século XIII ganha destaque a Universidade de Paris. Uma universidade que era um dos centros intelectuais do mundo medieval, um centro de inovação no campo das teorias e dos métodos educacionais. Lecionaram nesta universidade grandes mestres do pensamento medieval e, dentre eles, ganha destaque a

presença de Tomás de Aquino. Sobre a relevância da Universidade de Paris, no século XIII, ressalta-se:

Paris tornou-se, verdadeiramente, no século XIII, um foco maior de debate intelectual e de renovação das ideias. Centenas de jovens clérigos foram ali formados nas técnicas mais refinadas do trabalho intelectual, segundo métodos seguros. Evidentemente, este trabalho intelectual comportava regras às vezes rígidas, [...], mas a qualidade do ensino universitário parisiense levou a se fazer progressos decisivos em direção à autonomia, para não se dizer, à profissionalização, da cultura erudita. A figura ainda um pouco vaga das pessoas de saber passou a estar associada a um tipo social bem preciso e excepcionalmente prestigioso, o doutor. Compreender-se que a universidade de Paris tenha se tornada então um modelo que se procuraria imitar e reproduzir em toda a parte em que se fizesse sentir a aspiração a uma semelhante promoção da cultura. (VERGER, 2001, p. 208).

Junto com o desenvolvimento da escolástica, as primeiras universidades são testemunhas e vítimas das polêmicas, desconfianças e preconceitos que acompanham, no século XIII, a tradução, a investigação e o debate em torno da obra e das ideias de Aristóteles. Sobre esta polêmica, afirma-se:

Mas, seguiu-se uma outra controvérsia que dominaria o século XIII [...], com a chegada a Paris dos frades mendicantes, e suas tentativas para isentar os estudantes do curso *básico* de artes. A razão disso era, pelo menos em parte, a desconfiança dos frades em relação a um curso de artes de orientação aristotélica; e assim, a controvérsia em torno da estrutura das universidades foi paralela à controvérsia sobre a absorção de Aristóteles no sistema cristão. (LOYN, 1997, p. 350).

Tomás de Aquino e São Boaventura, juntamente com outros intelectuais-religiosos, tiveram um papel decisivo no sistema universitário do século XIII e, de certa forma, no êxito que este sistema obteve nos séculos seguintes. Em grande medida, eles foram simultaneamente responsáveis pela entrada e até mesmo pela condenação de Aristóteles na universidade medieval, pelo aristotelismo ter lentamente substituído o neoplatonismo, pelo aprofundamento da relação entre fé e razão, pelo desenvolvimento de novos sistemas de pensamento que, por métodos diferentes, são capazes de refletir e debater os problemas humanos e como o ser humano pode se relacionar com a divindade. Sobre estas questões, ressalta-se:



Desse modo, as diferenças e semelhanças das Ordens, seu significado como resposta às crises do século XIII, seu papel no desenvolvimento de uma nova doutrina explicativa para as coisas divinas e humanas, em suma, a influência que exerceram no desenvolvimento da civilização como um todo, tudo é extremamente significativo para o entendimento da universidade medieval e do debate travado entre São Boaventura e Santo Tomás. Eles marcaram as grandes disputas universitárias do século XIII bem como sofreram e, algumas vezes, participaram das condenações feitas às universidades. (OLIVEIRA, 2007b, p. 3).

O século XIII foi um século de renascimento cultural, urbano, artístico e intelectual. Dentro deste processo ganha destaque o desenvolvimento da escolástica, com a polêmica entrada da obra de Aristóteles no cenário teológico-filosófico da época, e o desenvolvimento das universidades. Dentro deste complexo momento histórico ganha destaque um frade mendicante da Ordem de São Domingos, os dominicanos. Trata-se de Tomás de Aquino, inteligência única na história humana, um pensador que, além de demonstrar a compatibilidade entre as ideias de Aristóteles e a fé cristã, desenvolveu um sofisticado sistema racional que apresenta e demonstra, de forma racional, as mais profundas questões que envolvem o ser humano (ética, estética, lógica, etc) e sua respectiva relação com Deus (fé, salvação da alma, missão da Igreja, etc). Nisto vê-se a importância da relação entre Tomás de Aquino e o século XIII.

### III. Tomás de Aquino e o século XIII

Tomás de Aquino, de forma direta ou indireta, esteve presente nos grandes debates, disputas e acontecimentos do século XIII (cf. CAMPOS, 1967). Ele é uma espécie de *guia* e, ao mesmo tempo, *receptáculo* da cultura, dos debates, das polêmicas e dos principais acontecimentos deste século.

Apenas para se ter uma ideia da forte presença do Aquinate neste século, ele foi figura decisiva nos debates travados no século XIII sobre a guerra justa e, por conseguinte, o papel sociocultural das ordens militares de cavalaria (cf. COSTA; SANTOS, 2010).

Existem duas fontes principais da “obra monumental” (PÉPIN, 1974, p. 156) produzida por Tomás de Aquino. A primeira é a *Bíblia*, os *Padres da Igreja* e o grande pensador da baixa Idade Média, ou seja, Santo Agostinho. A segunda é um complexo conjunto de filósofos e teólogos, que irão influenciar e ajudar a compor os debates e polêmicas do século XIII. Um conjunto que, de certa forma, inicia-se, a partir do século

IX, com o Pseudo-Dionísio, e se estende aos filósofos árabes e estudiosos de Aristóteles, dos séculos IX e X, Al-Kindi e Al-Farabi, um pouco posterior Avicena (Ibn Sina) (980-1037) e Averróis (Ibn Ruchd) (1126-1198). No século XI deve-se citar a influência do filósofo árabe Ibn Gebirol e, vindo do século XII, a forte influência do pensador judeu Moises Ben Maimon, mais conhecido como Maimônides, (1135-1204). Já no século XIII, pode-se citar, por exemplo, como forte influência para a composição da obra do Aquinate o *mestre de Colônia*, ou seja, Santo Alberto Magno (1206-1280) e um dos maiores pensadores deste século, isto é, São Boaventura, o qual foi superior geral da ordem franciscana e eleito cardeal da Igreja. Assim como a maioria dos pensadores do século XIII, São Boaventura leu Aristóteles, mas prefere Platão e, acima de tudo, Santo Agostinho.

A obra de Tomás de Aquino pode ser dividida em cinco categorias: a primeira são os *Comentários bíblicos*; a segunda são os *Comentários filosóficos e teológicos* – sobre as *Sentenças de Pedro Lombardo* (124-126), sobre os *Opúsculos teológicos* de Boécio (127-1258), sobre os *Nomes divinos* do Pseudo-Dionísio (1260), sobre o *Livro das causas* (1271-1272) e sobre a maioria dos escritos de lógica, física e matemática de Aristóteles (1266-1274); a terceira são as *Questões disputadas*; a quarta são os *Opúsculos sobre temas diversos*, por exemplo *Sobre o ente e a essência* (1250-1256), *Sobre a eternidade do mundo* (1270), etc; a quinta são as *Sumas*, a *Suma contra os gentios* (1259-1264) e a *Suma teológica* (1266-1274). (cf. JEAUNEAU, 1965, p. 69-70).

A “*Suma teológica* é o livro mais importante da escolástica” (SANTOS; PAULISTA, 2009, p. 61) medieval. Trata-se da “obra-prima de progressão metódica” (PÉPIN, 1974, p. 157), a qual simultaneamente é a síntese do pensamento do Aquinate, uma síntese dos debates e querelas do século XIII e uma síntese do pensamento filosófico e teológico cristão.

Sobre o objetivo metodológico e teórico da *Suma teológica*, afirma-se: “sendo estritamente racional em sua construção, a *Suma* nos ajuda a decifrar o seu plano, os critérios estabelecidos e seguidos pelo Mestre [Tomás de Aquino]. De entrada e com toda a evidência, resplandecem o traçado e a marcha de um grande círculo, partindo de Deus e voltando para Deus” (JOSAPHAT, 2012, p. 10).

Em alguns manuais de filosofia e história da Idade Média apresenta-se Tomás de Aquino como um ferrenho e radical defensor de Aristóteles. No entanto, estes manuais

estão equivocados. É necessário compreender a discussão que envolve a relação entre o Aquinate e Aristóteles.

De um lado, Aristóteles não era bem visto no final do século XII e início do XIII. Haviam muitas desconfianças em torno de sua obra e das leituras e traduções vindas do Oriente Médio e do mundo árabe. Sem contar que haviam interpretações fanáticas, leituras fideístas e radicais da obra do Estagirita. Dentro deste contexto, o Concílio de Paris, em 1210, chegou a condenar a leitura de Aristóteles dentro dos conventos e universidades. No entanto, “essa prescrição é progressivamente mitigada e logo a teologia poderá beneficiar-se do instrumento incomparável proporcionado pela filosofia de Aristóteles” (PÉPIN, 1974, p. 153).

Do outro lado, com o passar do tempo a Igreja e os grandes teóricos da escolástica, incluindo Alberto Magno, perceberam que era necessário afastar os alunos e mestres do século XIII da influência negativa causada pela interpretação fideísta de Aristóteles. Sem contar que a obra do Estagirita poderia – o que de fato aconteceu – beneficiar muito a escolástica, os debates medievais e o pensamento cristão. Dentro deste contexto, Tomás de Aquino desenvolve uma equilibrada leitura e interpretação de Aristóteles que simultaneamente ajudaram a combater o “culto do aristotelismo” (PÉPIN, 1974, p. 160) e reposicionar, de forma positiva, a obra do Estagirita dentro da Idade Média. Por tudo isto, o Aquinate é considerado como o “mais representativo estudioso da obra aristotélica” (JEAUNEAU, 1965, p. 68).

Não se deve imaginar que o Aquinate é apenas um competente comentador de Aristóteles. Pelo contrário, o “grande mérito de Tomás de Aquino, enquanto filósofo original, não decorre de seus comentários a Aristóteles, mas de suas reflexões sobre Deus, a alma e a relação desta com Deus, à medida que, a respeito de tais temas, prolonga o esforço reflexivo do Estagirita e o supera, integrando suas reflexões numa síntese mais abrangente e mais profunda” (CAMPOS, 1989, p. 80).

Dentro do ambiente dos debates do século XIII, em muitos aspectos, Tomás de Aquino supera e vai além da obra de Aristóteles. Um bom exemplo desta superação é o debate em torno da felicidade (cf. LIMA JÚNIOR, 2001). No entanto, a grande questão em que o Aquinate supera o Estagirita é o tema da criação e, por conseguinte, a discussão sobre as provas da existência de Deus<sup>7</sup>.

---

<sup>7</sup> Sobre as provas da existência de Deus em Tomás de Aquino, consultar: Crivornica (2008), Campos (2016), Izídio (2013), Araújo (2014).

Neste contexto, deve-se perceber que “Santo Tomás não podia contar somente com o apoio de Aristóteles para elaborar a doutrina da criação. A ideia de criação, essencialmente bíblica, é desconhecida do filósofo grego” (JEAUNEAU, 1965, p. 72-73). Neste sentido, o “próprio São Tomás, que fala de Deus na pura linguagem de Aristóteles, está, no entanto, bem longe do pensamento de Aristóteles” (GILSON, 2006, p. 77). Por isso, o Aquinate desenvolve as famosas cinco provas da existência de Deus, sintetizados pelo argumento-força do *movimento*, *causalidade*, *eficiência*, *contingência* e os *graus de perfeição*. A discussão sobre as provas da existência de Deus é uma grande e original contribuição do Aquinate ao pensamento medieval, cristão e universal.

No contexto universitário e escolástico do século XIII, Tomás de Aquino, especialmente na Universidade de Paris, desenvolveu um sistema educacional que, sem abandonar a patrística e Santo Agostinho, promove uma conciliação entre a cristandade e Aristóteles. Um sistema educacional, no qual a razão e a fé caminham juntas e, ao mesmo tempo, são necessárias para a reflexão humana. Por isto, em sua cosmovisão, razão e fé são vistas como as duas fontes do conhecimento humano e para se atingir a bem-aventurança bíblica. (cf. CAVALCANTE, 2006).

Como todo pensador medieval, Tomás de Aquino preocupou-se com o problema das relações da razão com a fé. De um lado, a razão não pode atingir todas as verdades. Tal questão é enfatizada na *Suma contra os gentios*. Do outro lado, certas verdades relativas a Deus não podem ser demonstradas unicamente pela razão. É o caso, por exemplo, do dogma da trindade. Tudo que a razão pode fazer diante deste dogma é mostrar que ele não é impossível racionalmente, explicar as consequências decorrentes de tal demonstração e destruir as objeções que lhes são opostas. Neste contexto, razão e fé devem caminhar juntas. (cf. PÉPIN, 1974, p. 158).

Na universidade, a jovem instituição de ensino do século XIII, juntamente com nomes relevantes, como, por exemplo, São Boaventura e Alberto Magno; Tomás de Aquino ajuda a desenvolver uma “nova doutrina explicativa para as coisas divinas e humanas” (OLIVEIRA, 2007b, p. 3).

Por isto, deve-se entender que “embora os mestres de renome da universidade medieval tenham sido franciscanos, como São Boaventura, a ciência não é uma vocação dessa ordem. Os dominicanos, por seu turno, estiveram à frente nas universidades. Exatamente por esse envolvimento Alberto Magno e, especialmente, Tomás de Aquino, estão presentes e influentes nas universidades até os nossos dias. Ambos estiveram envolvidos e criaram um novo modo de filosofar, ao fundirem o pensamento aristotélico

à fé cristã. Essa é uma das razões pelas quais Santo Tomás é considerado o grande mestre da escolástica” (PIEPER, 1973, p. 235).

Dentro do contexto do século XIII, “sem embarco, é indubitável que diante dos seus contemporâneos, Santo Tomás aparece como um inovador. Seu biógrafo, Guilherme de Tocco, com efeito, escreve: ‘O Irmão Tomás apresenta em seus cursos problemas novos, descobriu métodos novos e apresenta novos tipos de provas’. Não se poderia expressar com maior insistência a impressão de novidade que causou, em seu tempo, a obra de Santo Tomás” (JEAUNEAU, 1965, p. 70).

Existe uma relação dialética entre Tomás de Aquino e a Idade Média, especialmente o século XIII, o “grande século medieval” (OLIVEIRA, 2007b, p. 3). O século em que o Aquinate nasceu, viveu e produziu sua vasta obra. De um lado, ele é um produto da cultura medieval e do século XIII e, do outro lado, é o centro da efervescência cultural, intelectual e religiosa que este século experimentou.

Por isto, deve-se afirmar que “Santo Tomás domina incontestavelmente a filosofia medieval” (PÉPIN, 1974, p. 160) e, por conseguinte, que o ambiente sociocultural do século XIII, é a “origem do tomismo” (AQUINO, 2008, p. 36).

### **Considerações finais**

Tomás de Aquino viveu e produziu sua vasta obra no século XIII. Um século marcado, dentre outras coisas, pelo renascimento no campo das ideias, da intelectualidade, da vida artística e cultural. Um século que representa a antecipação do renascimento, nos séculos XV e XVI, e da modernidade.

Trata-se de um século de suma importância para a cristandade, para a sociedade e para a modernidade. Foi um século do desenvolvimento das universidades, da escolástica, dos debates e, por conseguinte, da incorporação de Aristóteles a cultura medieval.

Dentro deste século ganha destaque o gênio de Tomás de Aquino. É por isto que se aponta a existência de uma dialética entre o Aquinate e a Idade Média, especialmente o século XIII. O século em que ele nasceu, viveu e produziu sua vasta obra. O Aquinate é um produto da cultura medieval e do século XIII e, ao mesmo tempo, é o centro da efervescência cultural, intelectual e religiosa que este século experimentou.

Por fim, afirma-se que na sociedade contemporânea existem tentativas de construir o chamado *pensamento tomasiano*, ou seja, uma interpretação da obra do

Aquinate que não leva em consideração as correntes e camadas do tomismo e a posição da Igreja. A princípio, o pensamento tomasiano procura ler e interpretar as ideias do Aquinate diretamente da fonte original, ou seja, da própria obra de Tomás de Aquino. No entanto, nenhum pensamento tomasiano ou outra forma de interpretação do Aquinate será verdadeira e frutuosa se não levar em consideração o momento histórico, o momento sociocultural em que o Aquinate estava mergulhado. E este momento é a escolástica e a cultura universitária do século XIII.

## Referências

- ALVES, Anderson Machado Rodrigues. *Ser e Dever-ser: Tomás de Aquino e o debate filosófico contemporâneo*. São Paulo: Instituto Brasileiro de Filosofia e Ciência Raimundo Lúlio, 2015.
- AQUINO, Marcelo F. Tomás de Aquino: entre a antiguidade tardia e a modernidade renascentista. In: *Síntese, Revista de Filosofia*, Belo Horizonte, v. 35, n. 111, 2008, p. 33-56.
- AQUINO, Tomás de. *Suma contra os gentios*. II Vol. Porto Alegre: Edpuers, 1996.
- AQUINO, Tomás de. *Suma teológica*. Vol. 1. São Paulo: Loyola, 2001.
- ARAÚJO, André Ferreira. A existência e a essência de Deus na filosofia de Tomás de Aquino. In: *Âmbito Jurídico*, v. XVII, n. 124, maio, 2014, p. 1-10.
- BACKMAN, Clifford R. *The Worlds of Medieval Europe*. Oxford: Oxford University Press, 2003.
- BARBUY, Victor Emanuel Vilela. Importância e atualidade da obra de Santo Tomás de Aquino. In: *Revista da Faculdade de Direito*, Universidade de São Paulo, v. 106/107 p. 631-651, jan./dez., 2012.
- BETTENCOURT, Dom Estevão Tavares. A Idade Média foi “noite escura”? In: *Pergunte e Responderemos*, Rio de Janeiro, n. 5, maio, 1958.
- BEUCHOT, Maurício. A atualidade da filosofia tomista para a filosofia analítica. In: *Ágora Filosófica*, UNICAP, v. 1, p. 95-109, 2010.
- BEUCHOT, Maurício. *La esencia y la existencia en la filosofía escolástica medieval. Su repercusión en la filosofía analítica actual*. México: UNAM, 1992.
- BEUCHOT, Maurício. *La filosofía del lenguaje en la Edad Media*. 2 ed. México: UNAM, 1991.
- BEUCHOT, Maurício. Actualidad de la filosofía tomista en la posmodernidad. In: SANTOS, Ivanaldo. *Estudios tomistas para o século XXI*. João Pessoa: Ideia, 2013, p. 22-30.
- BOEHNER, Philotheus; GILSON, Etienne. *História da filosofia cristã*. 9 ed. Petrópolis: Vozes, 2004.
- CAMPOS, Fernando Arruda. Uma disputa escolástica no século XIII. In: *Revista Brasileira de Filosofia*, São Paulo, abril/junho, 1967, p. 203-208.
- CAMPOS, Fernando Arruda. *Tomismo hoje*. São Paulo: Loyola, 1989.
- CAMPOS, Sávio Laet de Barros. *As provas da existência de Deus em Tomás de Aquino*. Porto Alegre: Editora Fi, 2016.
- CARREIRA, Eduardo. *Estudos de iconografia medieval: o caderno de Villard de Honnecourt, arquiteto do século XIII*. Brasília: UnB, 1997.

- CAVALCANTE, Tatyana Murer. *Aspectos educacionais da obra de Santo Tomas de Aquino no contexto escolástico universitário do século XIII*. Tese de Doutorado. Programa de Pós-Graduação em Educação. Faculdade de Educação. Universidade Estadual de Maringá, 2006.
- CHENU, Marie-Dominique. *Santo Tomás de Aquino e a teologia*. Rio de Janeiro: Agir, 1967.
- COSTA, Elcias Ferreira. A atualidade de São Tomás de Aquino. In: *Estudos do Instituto de Pesquisas Filosóficas Santo Tomás de Aquino*. Recife: Círculo Católico, 2001.
- COSTA, Marcos Roberto; DE BONI, Luis A. (Orgs.). *A ética medieval face aos desafios da contemporaneidade*. Porto Alegre: Edipucrs, 2004.
- COSTA, Ricardo; SANTOS, Armando Alexandre. O pensamento de Santo Tomás de Aquino (1225-1274) sobre a vida militar, a guerra justa e as ordens militares de cavalaria. In: *Mirabilia*, n. 10, Jan./Jun., 2010, p. 145-157.
- CRIVORNCICA, Roberta. *Necessidade e possibilidade da prova da existência de Deus na filosofia de Tomás de Aquino*. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Filosofia. Universidade de São Paulo, 2008.
- DA CRUZ COELHO, Maria Helena. *O Mosteiro de Arouca: do século X ao século XIII*. Coimbra: Universidade de Coimbra, 1977.
- DE BONI, Luis A. (Org.). *Lógica e linguagem na Idade Média*. Porto Alegre: Edipucrs, 1995.
- DE CARVALHO, Mário Santiago. *A novidade do mundo: Henrique de Gand e a metafísica da temporalidade no século XIII*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian 2001.
- DE OLIVEIRA, António Resende. *Depois do espetáculo trovadoresco: a estrutura dos cancioneiros peninsulares e as recolhas dos séculos XIII e XIV*. Lisboa: Edições Colibri, 1994.
- DORÉ, Andréa. Diplomacia e relações comerciais entre o Oriente e o Ocidente: duas experiências do século XIII. In: *Tempo*, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, p. 137-158, 2000.
- FABRO, Cornelio. Santo Tomás de Aquino: ontem, hoje e amanhã. Entrevista concedida à revista *Palabra*, n. 103, Madri, março de 1974. In: *Hora Presente*, ano VI, n. 16, São Paulo, setembro, 1974, p. 246-254.
- FAITANIN, Paulo. *A Sabedoria do Amor. Iniciação à Filosofia de Santo Tomás de Aquino*. Niterói: Instituto Aquinate, Coleção Cadernos da Aquinate, n. 2, 2008a.
- FAITANIN, Paulo; ALARCÓN, Enrique. *Atualidade do tomismo*. Rio de Janeiro: Sétimo Selo, 2008b.
- FERNANDES, Fátima Regina. A recepção do direito romano no Ocidente europeu medieval: Portugal, um caso de afirmação régia. In: *História, Questões & Debates*, Curitiba, n. 41, 2004, p. 73-83.
- GILSON, Etienne. *A filosofia na Idade Média*. São Paulo: Martins Fontes, 1995.
- GILSON, Etienne. *O espírito da filosofia medieval*. São Paulo: Martins Fontes, 2006.
- GIRALT, Eduardo Forment. *Em torno al tomismo y la modernidad*. Universidad de Navarra: Servicio de Publicaciones de la Universidad de Navarra, 2007, p. 133-141.
- GUIMARÃES, Marcia. Uma análise acerca da educação escolástica no século XIII. In: *Seminário de Pesquisa*, Maringá, UEM, 2009, p. 1-8.
- HALDANE, John. *Analytical Thomism: A Prefatory Note*. In: *The Monist*, 80, 1997.
- HOLMES, George. *The Oxford History of Medieval Europe*. Oxford: Oxford University Press, 1988.

- IZÍDIO, Camila de Souza. A demonstração da existência de Deus através do conhecimento sensível em Tomás de Aquino. In: *Cognitio Estudos*, v. 10, n. 1, janeiro-junho, 2013, p. 34-43.
- JEAUNEAU, Edouar. *La filosofia medieval*. Buenos Aires: Editorial Universitaria de Buenos Aires, 1965.
- JOSAPHAT, Carlos. *Paradigma teológico de Tomás de Aquino: sabedoria e arte de questionar, verificar, debater e dialogar - chaves de leitura da Suma de Teologia*. São Paulo: Paulus, 2012.
- KENNY, Anthony. *Tomás de Aquino y la mente*. Barcelona: Herder, 2000.
- KERR, F. Aquinas and Analytic Philosophy: Natural Allies? In: *Modern Theology*, 20, 2004, p. 123-139.
- LAUAND, Luis Jean. *Cultura e educação na Idade Média: textos do século V ao XIII*. São Paulo: Martins Fontes, 1998.
- LE GOFF, Jacques. *A bolsa e a vida: economia e religião na Idade Média*. São Paulo: Record, 2007.
- LE GOFF, Jacques; RUAS, Manuel. *A civilização do Ocidente medieval*. São Paulo: Estampa, 1995.
- LIMA JÚNIOR, José Urbano. O discurso teleológico e a consecução da felicidade última: um exemplo da superação do Aquinate em relação a Aristóteles. In: *Ágora Filosófica*, UNICAP, ano 1, n. 2, jul./dez. 2001, p. 136-148.
- LIMA VAZ, Henrique Cláudio. Fisionomia do século XIII. In: LIMA VAZ, Henrique Cláudio. *Escritos de filosofia: problemas de fronteira*. São Paulo: Loyola, 1986, p. 11-33.
- LOYN, Henry Royston. *Dicionário da Idade Média*. 2 ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.
- MACEDO, José Rivair. A face das filhas de Eva: os cuidados com a aparência num manual de beleza do século XIII. In: *História*, v. 17, 1998.
- MACINTYRE, Alasdair. MacIntyre's Postmodern Thomism. In: *The Thomist*, n. 57, 1993, p. 277-289.
- MARITAIN, Jacques. El humanismo existencial de Santo Tomás de Aquino. In: *Coleccion Jacques Maritain*, Buenos Aires, 1993a, p. 1-18.
- MARITAIN, Jacques. Santo Tomás y la persona humana. In: *Coleccion Jacques Maritain*, Buenos Aires, 1993b, p. 1-9.
- MARTIN, Alfred Von. *Sociologia de la cultura medieval*. Madri: Instituto de Estudios Politicos, 1954.
- MATTOSO, José. Estratégias da pregação no século XIII. In: MATTOSO, José. *Fragmentos de uma composição medieval*. Lisboa: Editorial Estampa, 1987, p. 191-202.
- MEGALE, Heitor. *A demanda do Santo Graal*: manuscrito do século XIII. São Paulo: Queros, 1988.
- MELLO, José Roberto de Almeida. Poesia política e relações anglo-francesas no século XIII. In: *Revista de História*, v. 119, p. 199-212, 1985.
- MENJOT, Denis; BOUCHERON, Patrick. O florescimento das cidades: o século XIII na história do mundo urbano. In: CARVALHO, Margarida Maria de (Org.). *As cidades no tempo*. Franca: Unesp, 2005.
- MIATELLO, André Luis Pereira. *Retórica religiosa e cívica na Itália do século XIII: a composição e os usos das hagiografias mendicantes nas políticas de paz*. Tese de Doutorado. Programa de Pós-Graduação em História. Universidade de São Paulo, 2010.
- MICHELETTI, Mario. *Tomismo analítico*. Aparecida: Ideias & Letras, 2009.
- MONDIN, Batista. *Grandeza e atualidade de São Tomás de Aquino*. Bauru: Edusc, 1998a.



- MONDIN, Batista. *O humanismo de Tomás de Aquino*. Bauru: Edusc, 1998b.
- MONDIN, Batista. L'Attualita de S. Tomasso D'Aquino. In: *Doctor Communis*, n. 49, 1996, p. 27-43.
- NÉDONCELLE, Maurice. *Existe uma filosofia cristã?*. São Paulo: Flamboyant, 1958.
- OLIVEIRA, Terezinha. Instituição e pensamento: a universidade e a escolástica. In: LUPI, João; DAL RI JR, Amo. (Orgs.). *Humanismo medieval: caminhos e descaminhos*. Ijuí: Unijuí, 2005. p. 363-373.
- OLIVEIRA, Terezinha. O ambiente citadino e universitário do século XIII: um *locus* de conflitos e novos saberes. OLIVEIRA, Terezinha (Org.). *Antiguidade e medievo: olhares histórico-filosóficos da educação*. Maringá: Eduem, 2008, p. 227-249.
- OLIVEIRA, Terezinha. Origem e memória das universidades medievais: a preservação de uma instituição educacional. In: *Varia Historia*, Belo Horizonte, vol. 23, n. 37, Jan./Jun., 2007a, p. 113-129.
- OLIVEIRA, Terezinha. Os mendicantes e o ensino na universidade medieval: Boaventura e Tomás de Aquino. In: *Anais do XXIV Simpósio Nacional de História*, Associação Nacional de História – ANPUH, São Leopoldo, 2007b, p. 1-10.
- PAPA JOÃO PAULO II. *Discurso aos participantes do IX Congresso Tomístico Internacional*. Cidade do Vaticano, 29 de Setembro de 1990.
- PASTOUREAU, Michel. *No tempo dos cavaleiros da Távola Redonda: França e Inglaterra, séculos XII e XIII*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.
- PÉPIN, Jean. Santo Tomás e a filosofia do século XIII. In: CHATELET, François (Org.). *A filosofia medieval: do século I ao século XV*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1974, p. 152-164.
- PIEPER, Josef. *Filosofia medieval y mundo moderno*. Madrid: Rialp, 1973.
- PIEPER, Josef. *Introducción a Tomás de Aquino*. Rialp: Centenario, 1948.
- PIEPER, Josef; JAKOSCH, Antonio. A atualidade da escolástica: uma retrospectiva (1959). In: *Lumen Veritatis*, Revista de Inspiração Tomista, v. 6, n. 25, p. 101-108, 2013.
- POUIVET, R. Le thomisme analytique, à Cracovie et ailleurs. In: *Revue Internationale de Philosophie*, LVII, 2003, p. 251-270.
- ROMERO, Sheila Rigante. O corpo e a renúncia aos prazeres da carne na Idade Média cristã presentes nos Concílios Ibéricos dos séculos V-VI d. C. e do século XIII d. C. In: *Revista Espaço Acadêmico*, v. 86, 2008, p. 1-15.
- SALES, Antônio Patativa. De como se chegou ao conceito de *Philosophia Christiana*. In: *Ágora Filosófica*, UNICAP, ano 2, n. 1, jan./jun. 2008, p. 1-25.
- SANTOS, Gislene A. S.; PAULISTA, Maria Inês. Idade Média X Idade Média. In: *Mirandum*, n. 20, CEMOrOC-Feusp / IJI-Universidade do Porto, 2009, p. 55-68.
- SANTOS, Ivanaldo. A relação entre o neotomismo e o tomismo analítico. In: *Ágora Filosófica*, UNICAP, v. 1, p. 43-54, 2010.
- SANTOS, Ivanaldo. Atualidade da obra de Tomás de Aquino. In: *Aquinate*, Niterói, n. 29, 2016, p. 23-32.
- SANTOS, Ivanaldo. O tomismo analítico. In: *Aquinate*, Niterói, v. 14, p. 20-30, 2011.
- SOUZA, Néri de Almeida. Palavra de púlpito e erudição no século XIII: a legenda áurea de Jacopo de Varazze. In: *Revista Brasileira de História*, v. 22, n. 43, p. 67-84, 2002.
- STRATHERN, Paul. *São Tomás de Aquino*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.
- STREFLING, Sérgio Ricardo. A disputa entre o Papa Bonifácio VIII e o Rei Filipe IV no final do século XIII. In: *Teocomunicação*, v. 37, n. 158, 2007.
- TATON, René. *La science antique et médiévale*. Paris: Presses Universitaires de France, 1957.

- THERON, S. The resistance of thomism to analytical and other patronage. In: *The Monist*, LXXX, 1997, p. 611-618.
- ULLMANN, Reinhold Aloysio. *A universidade medieval*. 2 ed. Porto Alegre: Edipucrs: 2000.
- VAUCHEZ, André. *A espiritualidade na Idade Média ocidental: séculos VIII a XIII*. Rio de Janeiro: Zahar, 1995.
- VERGER, Jacques. *Cultura, ensino e sociedade no Ocidente nos séculos XII e XIII*. Bauru: Edusc, 2001.
- WOLFF, Philippe. *Outono da Idade Média ou primavera dos tempos modernos?* São Paulo: Martins Fontes, 1988.
- ZILLES, Urbano. *Fé e razão no pensamento medieval*. Porto Alegre: Edipucrs, 1996.

**Recebido em agosto de 2016**

**Aprovado em fevereiro de 2017**